

**CRÍTICA DAS PRÁTICAS
JORNALÍSTICAS, UM
PEQUENO INVENTÁRIO**

CRITIQUE OF JOURNALISTIC
PRACTICE, A SMALL INVENTORY

CRÍTICA DE LA PRÁCTICA PE-
RIODÍSTICA, UN PEQUEÑO IN-
VENTARIO

Beatriz Marocco^{1, 2}

RESUMO

A crítica das práticas jornalísticas pode ser delineada ao longo de dois séculos. Na literatura, *Ilusões perdidas*, escrito por Balzac, entre 1835/1843, deu materialidade ao ambiente pérfido do jornal. Uma vertente acadêmica de crítica foi aberta pelas Teorias Sociais da Imprensa que sinalizaram o compromisso dos jornais com as lógicas de mercado e o sistema de partidos políticos. Jornalistas e as suas práticas foram historicamente criticados por jornalistas, desde Karl Kraus. Com base em um pequeno inventário pode-se afirmar que o jornalismo e outros campos teóricos deram consistência a uma diversidade de discursos críticos sobre as ações dos jornalistas e dos jornais. O “livro de repórter”, pela via do enfoque à prática, é considerado, ao final, uma forma contemporânea de crítica das práticas jornalísticas. Dois livros são analisados: *O olho da rua* e a coletânea *50 anos de crime*.

¹ Jornalista, Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona, Estudos de Pós-doutorado na Universidade de Grenoble, França, Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. E-mail: bmarocco@unisinos.br

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências da Comunicação. Avenida Unisinos, 950, Cristo Rei, CEP: 93022-000 - São Leopoldo, RS - Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica das práticas jornalísticas; jornalismo; ombudsman; livro de repórter.

ABSTRACT

Critique of journalistic practice can be outlined over the last two last centuries. In literature, *Lost illusions*, written by Balzac, between 1835/1843, gave materiality to newspapers perfidious environment. An academic perspective of criticism was opened by Social Theories of the Press that indicated the commitment of newspapers with market logic and political party system. Journalists and their practices have historically been criticized by journalists, since Karl Kraus. Based on this small inventory, it's possible to claim that journalism and other theoretical fields gave materiality to a diversity of critical discourses about journalist's actions and the newspapers. The "reporter's book" is considered a contemporary form of critique of the journalistic practice. Two books are analyzed: *O olho da rua* and the collection *50 anos de crime*.

KEYWORDS: Critique of journalistic practice; journalism; ombudsman; reporter's book.

RESUMEN

La crítica de las prácticas periodísticas puede ser delineada a lo largo de dos siglos. En la literatura, *Ilusiones perdidas*, de Balzac, escrito entre 1835/1843, ha dado materialidad al ambiente pérfido del periódico. Una vertiente académica de la crítica fue abierta por las Teorías Sociales de la Prensa que señalaron el compromiso de los periódicos con las lógicas del mercado y el sistema de los partidos políticos. Periodistas y sus prácticas fueron históricamente criticados por periodistas desde Karl Kraus. Con base en un pequeño inventario es posible afirmar que el periodismo y otros campos teóricos dieron consistencia a una diversidad de discursos críticos sobre las acciones de periodistas y periódicos. El "libro de reportero", por la vía del enfoque a la práctica, es considerado, al final, una forma contemporánea de crítica de las prácticas periodísticas. Dos libros son analizados: *O olho da rua* y la coletanea *50 anos de crime*.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p377>

PALABRAS-CLAVE: Crítica de la práctica periodística; periodismo; ombudsman; libro de reportero.

Recebido em: 19.04.2017. Aceito em: 20.11.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Introdução

No texto que segue propõe-se expor discursos que formularam historicamente alguns lugares de produção da crítica das práticas jornalísticas. Com base neste pequeno inventário pode-se afirmar que o jornalismo e diferentes saberes exógenos deram consistência a uma heterogeneidade de discursos sobre as ações dos jornalistas e os jornais. Três tipos de crítica foram identificados por Foucault: atitude crítica, pequena crítica polêmico-profissional e “grande empreitada kantiana”. Esta última dá forma à crítica como reconhecimento do presente, inaugurada como um outro modo de fazer filosofia por Kant.

Seria preciso tentar manter alguns propósitos em torno desse projeto que não cessa de se formar, de se prolongar, de renascer nos confins da filosofia, sempre próximo dela, sempre contra ela, às suas custas, na direção de uma filosofia por vir, no lugar talvez de toda filosofia possível. E parece que entre a alta empreitada kantiana e as pequenas atividades polêmico-profissionais que trazem esse nome de crítica, me parece que houve no Ocidente moderno (a datar, grosseiramente, empiricamente, nos séculos XVIII) uma certa maneira de pensar, de dizer, de agir igualmente, uma certa relação com o que existe, com o que se sabe, o que se faz, uma relação com a sociedade, com a cultura, uma relação com os outros também, e que se poderia chamar, digamos, de atitude crítica. (FOUCAULT, 1990, p. 1-2).

Sobre o objeto em questão, as práticas jornalísticas, há evidências da existência de tipos singulares que podem ser identificados em uma região situada entre a crítica polêmico-profissional e a crítica como reconhecimento do presente: a crítica produzida por jornalistas e a crítica exógena, produzida sobre o jornalismo por outros campos teóricos. No primeiro, jornalistas se dobram sobre o jornalismo, tendo como referência, para produção da crítica, embora não apenas, o próprio saber jornalístico. Na segunda vertente, a atividade crítica é exercida desde o exterior, sobre o discurso primeiro (jornalístico). O “livro de

repórter”, para além destes dois tipos, situa a crítica como reconhecimento do presente que se materializa na experiência da acontecimentalização.³

Dobra sobre o jornalismo

A modalidade de crítica, em que o crítico se dobra criticamente sobre o saber em que se enquadra, com a pretensão de criticar as leis que regulam este mesmo saber, foi desenvolvida em jornais que operaram na contracorrente do jornalismo. O jornalista alemão Karl Kraus⁴ combateu as estratégias da imprensa e a ação dos jornalistas. Kraus projetou na imprensa a realização do ideal iluminista de esclarecimento das pessoas e da sociedade, enquanto os jornais da época, ao contrário, arruinavam o potencial individual de imaginação. Assim, a consciência do leitor, em sincronia com a imprensa, se perdia na massa de criaturas da natureza que já não poderiam imaginar, pensar e agir de forma autônoma. A língua se havia petrificado sob a forma de *Phrase*, termo pejorativo que pode ser substituído por frase feita:

A frase feita é a forma essencialmente mercantil com que a mecanização e a massificação da vida se apropriam da cultura, até transformar a vida das pessoas em subproduto trivial. Se no ápice do esteticismo, Oscar Wilde salientou que a vida imita a arte, Kraus constata, no início

³ O conceito de acontecimentalização, imaginado por Foucault como o modo filosófico com que Kant se desvia da desacontecimentalização histórica, dá materialidade a um movimento de reconhecimento crítico do presente inaugurado pela filosofia, que foi analisado por Marocco, Zamin e Boff (2012) na cobertura de um conjunto de 18 jornais de referência sobre a eleição de Obama à presidência dos Estados Unidos em 2008. No jornalismo diário, pode-se inferir que este exercício se desvia da desacontecimentalização promovida pela construção do acontecimento segundo as normas da disciplina jornalística.

⁴ Kraus foi o diretor e a partir de dezembro de 1911 o único redator da revista *Die Fackel*, de periodicidade irregular, voltada principalmente à problemática que a própria imprensa suscita para o homem moderno: o apagamento dos limites entre o público e o privado e a influência sobre a cultura e a política.

do século, que “a vida é somente a forma impressa da imprensa”. (BURELLO, 2009, p. 15 [trad. do autor])⁵.

Kraus se referia aos jornalistas fazendo referência a Schmock, personagem da peça *Os jornalistas* (1853) do escritor alemão Gustav Freytag. Na peça, Schmock é um jornalista fracassado que para sobreviver vende o seu trabalho à causa mais rentável que, na versão de Kraus, está associada à corrupção da linguagem. Mais do que uma deformação profissional, o Schmock era o sintoma da corrupção da linguagem que equivale à degeneração moral e intelectual do ser humano. “Falar e pensar são a mesma coisa e os Schmocks falam de forma tão corrupta como pensam; e escrevem – assim há de ser, conforme aprenderam – como falam ” (KRAUS, 2009, p. 14, trad. do autor).⁶

A modalidade de crítica feita por jornalistas que têm vínculo com a mídia criticada corresponde ao tipo polêmico-profissional. Parte do Sistema de Responsabilização da Mídia, o *ombudsman* é uma destas formas de crítica que circula na mídia jornalística e seu titular, um jornalista, se diz defensor do leitor e crítico do próprio veículo (BERTRAND, 2002). No Brasil, em sua existência quase solitária na *Folha de S. Paulo*, o *ombudsman* tem sido criticado por sua leniência com a empresa, a quem deveria criticar por seu compromisso com os leitores. Bertrand, no entanto, acredita que se estas opiniões fossem verdadeiras, não existiriam tão poucos deles.

Se tais opiniões fossem justificadas e se os MAS não passassem de manobras de relações públicas, por que existem tão poucos deles, es-

⁵ La frase hecha es la forma esencialmente mercantil con que la mecanización y la masificación de la vida se apropian de la cultura, hasta transformar la vida de la gente en un subproducto trivial. Si en el ápice del esteticismo, Oscar Wilde había señalado que la vida imita el arte, Kraus constata a principios del siglo siguiente que “la vida es solo la forma impresa de la prensa” (BURELLO, 2009, p. 15).

⁶ Hablar y pensar son lo mismo, y los Schmocks hablan de forma tan corrupta como piensan; y escriben – así ha de ser, según aprendieron – como hablan (KRAUS, 2009, p. 14).

pecialmente quando se sabe que o público os saudou favoravelmente onde quer que aparecessem? (BERTRAND, 2002, p. 45).

Vertente exógena

No âmbito da sociologia, as Teorias Sociais da Imprensa (HARDT, 2001, 2006) inauguraram um pensamento crítico sobre a atuação dos jornais que se ocupou das relações que podem ser engendradas em torno do poder do jornalismo e do jornalista de configurar certas coisas que passam na realidade, de fixar uma agenda de discussão para a sociedade e do impacto que isso pode vir a provocar sobre a opinião pública. Há entre o jornal e esse conjunto de teorias uma relação surda e à distância. Nada parecia abalar o edifício do jornal e o sistema de agendamento jornalístico comprometido com as “vacas sagradas” – empresas, o sistema fiscal e o sistema de partidos políticos –, veneradas pela imprensa norte-americana (ROSS, 2008, p. 96).

O discurso intelectual de crítica inaugurado pelas Teorias Sociais da Imprensa situa-se na gênese da aproximação promíscua do mercado que será denunciada mais tarde por Bourdieu. Ícone da insubordinação intelectual às estratégias midiáticas, Pierre Bourdieu (1997) responsabilizou os mecanismos do campo do jornalismo e a submissão dos jornalistas pela imposição aos outros grupos sociais de um modo de expressão e apresentação enquadrado à lógica de mercado ou da demagogia, que se transformou no modelo dominante de tomada da palavra no espaço público.

[...] a restrição estrutural exercida por esse campo, ele próprio dominado pelas pressões do mercado, modifica mais ou menos profundamente as relações de força no interior dos diferentes campos, afetando o que aí se faz e o que aí se produz e exercendo efeitos muito semelhantes nesses universos fenomenicamente muito diferentes. (BOURDIEU, 1997, p. 101).

A crítica às práticas jornalísticas prosperou, ainda, em lugares da academia e nas artes. Na literatura, Balzac, em *Ilusões Perdidas*, livro escrito entre 1835 e 1843, e Lima Barreto, em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), muito provavelmente inauguraram as descrições de uma panóplia de personagens no ambiente pérfido e corrompido do jornal. Uma década atrás, Carl Hiaasen, em *Caso perdido* (2002) retomou o filão aberto na literatura, com a figura do jornalista veterano esquecido na coluna de necrológio, que reflete e repele simultaneamente os traços do repórter entediado que manipula o resgate de um homem preso em uma montanha interpretado por Kirk Douglas no filme *A montanha dos sete abutres* (WILDNER, 1951). Ambos desejam voltar ao primeiro time de jornalistas, só que utilizando estratégias correntes e simplificadoras do "bom" e do "mau jornalismo".

Reconhecimento do presente

A experiência da crítica como reconhecimento do presente desloca a prática do jornalismo de uma produção coletiva, no âmbito da empresa jornalística, às ações de resistência dos repórteres, que modificam o exercício da autoria no jornalismo.

Desde uma perspectiva foucaultiana, o jornalismo é objeto de procedimentos de controle que dão consistência e limites ao campo discursivo e aos sujeitos que nele atuam e por ele são afetados. O que é central na prática é que a disciplina afeta a produção do saber inscrita em um regime de verdade, o que exclui tudo o que não se enquadre em uma determinada ordem do discurso. "A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização

permanente das regras” (FOUCAULT, 1996, p. 36). No caso jornalístico, a resistência à disciplina afeta o modo de objetivação jornalística da realidade.

O autor aciona outro procedimento de controle discursivo à medida que opera na organização e coerência de agrupamentos de discursos, construindo unidade em torno dos textos que escreve. Referindo-se primeiramente à ciência, depois à literatura, Foucault afirmou que nestes domínios, o autor, ou, mais concretamente, a função que compete ao indivíduo que se coloca nesta posição discursiva, pode ser relacionada a uma época e as condições históricas que determinam a sua emergência.

O pesquisador canadense Chris Dent (2008), ao cruzar dados qualitativos obtidos em entrevistas com jornalistas australianos com os controles discursivos, pensados por Foucault, reconheceu a existência da disciplina no jornalismo. Já o autor foi relacionado por Dent ao nome do jornal tendo em vista o reconhecimento da relação direta que o leitor estabelece com a posição editorial do jornal que lê e não com o produtor ligado a discursos objetivos, privados de subjetividade, controlados por suportes midiáticos de vida efêmera. No paradigma de autoria coletiva prevalecem as sucessivas tomadas de decisão de chefes que mandam, subordinados que obedecem, e chefes que obedecem a chefes com mais poder dentro de uma pirâmide organizacional fortemente hierarquizada (BORRAT, 2006, p. 217). Daí a procedência da interrogação: “O que é um autor em jornalismo?”.

Para Ringoot, o livro individualiza o autor:

[...] o suporte individualiza a auctorialidade jornalística, e transforma o nome do jornalista em nome de autor de livro. Este autor é diferente do autor de artigos reunidos em livro. (2012, p. 75 [trad. do autor]).⁷

⁷ Pour le moins, le support individualise l'auctorialité journalistique, et transforme le nom du journaliste en nom d'auteur de livre. Cet auteur est différent de l'auteur des articles rassemblés dans le livre (RINGOOT, 2012, p. 75).

Com foco nos livros escritos por jornalistas, a pesquisadora francesa localizou produções não-ficcionais centradas na enquete, na reportagem e na reflexividade analítica profissional. Para além do livro escrito por jornalista, identificado por Ringoot, um tipo específico, apoiado nos três gêneros, realiza um duplo deslocamento: da disciplina, que regula a produção e a proliferação dos discursos, e da profissionalização, que estimula a formação de uma categoria em torno de princípios deontológicos e leis de mercado. O “livro de repórter”, como um exercício de crítica das práticas jornalísticas, apresenta a ação subjetiva e de resistência de um “repórter autor”.⁸ Daí, conservarmos a expressão “livro de repórter” enquanto essa designa um tipo de autoria afastada do *ethos* profissional e da autoria coletiva própria do tempo e do espaço do jornalismo. Esta prática em novas bases espaço-temporais, não rompe com o jornalismo, embora o “repórter autor” construa com seu trabalho um lugar dentro do jornalismo, voltado ao exercício da crítica como reconhecimento do presente. Neste novo patamar epistemológico, o repórter aciona movimentos de investigação que projetam o acontecimento em sua complexidade, em um “poliedro de inteligibilidade”.

O poliedro possibilita compor, decompor e recompor acontecimentos, a partir do(s) ângulo(s) de entrada. Aí reside a riqueza, desencadear inúmeras possibilidades de compreensão da realidade. Transposto ao jornalismo, o “poliedro de inteligibilidade” pode auxiliar tanto na produção dos acontecimentos como na compreensão de como os acontecimentos discursivos se engendram, acionando e revelando uma rede discursiva que lhe é anterior e exterior. Para Foucault (1990), a análise dessas tramas busca reconstituir as condições de aparição de uma singularidade, a partir de múltiplos elementos determinantes, considerando que não é na natureza das coisas que se poderia encontrar o sustento, o suporte dessa rede de relações inteligíveis, é a lógica pró-

⁸ Expressão cristalizada por pensadores franceses para designar uma geração de repórteres do século passado que se evidenciaram na prática do jornalismo.

pria de um jogo de interações com suas margens sempre variáveis e de não certeza (MAROCCO, ZAMIN e BOFF, 2012, p. 4).

Livro de repórter

As pistas deixadas por Eliane Brum em entrevista a Zamin, Marocco e Capovilla (MAROCCO, 2012), somadas à trajetória profissional visibilizada nas mídias, evidenciaram ações de resistência da repórter ao modo de produção do jornalismo diário. O termo já cristalizado “livro reportagem”, para obra não periódica que explora a reportagem jornalística em profundidade (PEREIRA LIMA, 1995), entretanto, não parecia suficiente para caracterizar a sua produção. Com tempo de produção estendido, podendo chegar a décadas, o “livro-reportagem” requer investigação exaustiva sobre determinado tema/acontecimento, além de caracterizar-se pelo estilo de escrita mais autoral e elaborado, utilizando-se de técnicas literárias. O parentesco com a literatura é esmaecido pela própria Eliane, que projeta o seu trabalho na busca da complexidade do real e na escuta do outro:

[...] não gosto do jargão, de nenhum jargão: “jornalismo investigativo”, “jornalismo literário”, “jornalismo não-sei-o-quê”. Para mim, o jornalismo é tão substantivo que não precisa de adjetivo. Há bom jornalismo e mau jornalismo. O que é bom jornalismo? O bom jornalismo é aquele que compreende que a realidade é muito mais complexa do que aquilo que é dito. Infelizmente, boa parte dos repórteres se deixou reduzir a aplicadores de aspas em série. E a vida não é isso. (BRUM, 2012, p. 89).

Como repórter, a gente tem dois instrumentos, que são os mais importantes: o olhar e a escuta. Eu me considero uma escutadeira da realidade. Hoje, inclusive, quase não faço perguntas. [...] em geral, quando posso, chego para as pessoas e digo: “Me conta” e o que ela me conta primeiro, e como ela me conta, é uma informação importante, que não saberia se tivesse feito a primeira pergunta. Porque a primeira pergunta já direciona. (BRUM, 2012, p. 76).

O “livro reportagem” e as “obras de estrelas da profissão” (NEVEU, 2006) são peças importantes para o reconhecimento da diferença que guardam em relação ao objeto proposto. Nem um, nem o outro se configuram uma crítica das práticas, embora possam contemplar o descolamento da autoria coletiva para a criação autoral. Desde este fazer que resiste, tais livros têm em comum autores que se destacaram na função de repórter e não restringiram o livro a mero suporte de um gênero jornalístico – a reportagem. O conceito pode acolher certas coletâneas organizadas por jornalistas. Dois livros exemplificam tais premissas. Eliane Brum, em *O olho da rua*, deixou entrever as zonas de sombra projetadas pela mídia ao eleger os indivíduos à margem da sociedade. Fernando Molica, em *50 anos de crime*, reuniu um conjunto de reportagens publicadas na mídia para sinalizar os malfeitos do jornalismo policial em uma historicidade.

O olho da rua

Na entrevista, em que foi ouvida durante pesquisa anterior por Zamin, Marocco e Capovilla (MAROCCO, 2012), Eliane Brum falou sobre Ailce, personagem da reportagem “A mulher que alimentava”, republicada no livro *O olho da rua* (2008, p. 412-418). E, nesta, assim como no livro, a repórter deu evidências de sua compreensão sobre a relatividade do império da isenção e da objetividade” no exercício do “bom” jornalismo.

Em qualquer reportagem há interferências que podem ser evitadas. E outras impossíveis de escapar. Perguntas que já contêm uma resposta dentro delas, que praticamente obrigam o entrevistado a dizer aquilo que o jornalista quer ouvir, não só podem, como devem ser evitadas. (BRUM, 2008, p. 419).

Assim, segundo Eliane, isenção e objetividade se colocam na prática como um ideal que deve ser perseguido, mas jamais será atingido por completo.

No *post scriptum* que adicionou ao texto da reportagem, ela argumentou que observar uma realidade de fora, imune a suas implicações, é coisa para um deus e não para quem conhece bem as fraquezas do sujeito cultural de uma época histórica determinada.

Nos 115 dias em que eu e Ailce convivemos, uma experiência radical de jornalismo, mas principalmente uma experiência radical de vida, dediquei um cuidado obsessivo a evitar interferir na sua vivência do morrer. Eu quase não fazia perguntas, optei por apenas pontuar suas respostas, numa escuta delicada e muito, muito atenta. (BRUM, 2008, p. 420).

A dinâmica do livro repete esta ordem: reportagem publicada nas mídias jornalísticas, seguida de uma reflexão original sobre o processo de produção. Nesta sequência entre o material jornalístico (dez reportagens) e a reflexão sobre a prática durante o desenvolvimento de cada uma delas, se pode acompanhar a descontinuidade entre os procedimentos de controle discursivo e a resistência a estes, e as marcas de uma prática acompanhada do conhecimento de si, de como esta repercute internamente, e de como se produz nesta relação da repórter consigo um distanciamento com as verdades cristalizadas do jornalismo. Daí se supõe a formulação de uma figura de “autor repórter” na reportagem e no “livro de repórter”, que “acolhe a vida para transformá-la em história de vida” (BRUM, 2014, posição 1091, e-book).

Quando me tornei repórter, tentei fazer da minha escrita um espelho amoroso no qual as pessoas cujas histórias eu contava pudessem se enxergar, descobrir-se habitantes do território das possibilidades e viver segundo seus próprios mistérios. Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa de vida. É só como história contada que podemos existir. Por isso escolhi buscar os invisíveis, os sem voz, os esquecidos, os proscritos, os não contados, aqueles à margem da narrativa. Em cada um deles resgatava a mim mesma – me salvava da morte simbólica de uma vida não escrita (BRUM, 2014, posição 1089, e-book).

Na reportagem “O inimigo sou eu”, a repórter deixou para trás a bagagem, tudo que a ligava ao mundo exterior, inclusive uma das regras da retórica jornalística, o apagamento discursivo do jornalista. Na leitura de Brum, a estratégia que geralmente provoca o deslizamento da opinião para a voz da fonte, significa que o repórter “não pode ser a estrela da reportagem”. Contra si mesma e a ideia cristalizada de que repórter de verdade, para chegar mais perto da verdade, ou das verdades que se propôs a contar, “olha a realidade do outro lado de sua visão de mundo”, Eliane usou a primeira pessoa. Assim escreveu sobre os dez dias em que viajou “sempre para longe e para dentro, mas sem sair do lugar” no retiro de “Meditação Vipássana”.

Quando voltei e comecei a escrever, pensava, mas por que alguém vai querer saber o que eu pensei, senti, divaguei, sofri, sonhei, descobri? Quem sou eu para ser a primeira pessoa de uma reportagem? (BRUM, 2008, p. 348).

Antes de identificar a sua estratégia como ruptura com a retórica jornalística, que defende o apagamento do jornalista diante dos fatos, na impessoalidade, como fundamento do “bom jornalismo”, Brum se refere ao “peso da palavra publicada” para dimensionar uma ética da escrita e uma maneira de informar melhor o leitor. Desde tal perspectiva, ela acredita que o repórter não pode ir entrando em toda reportagem “como aqueles papagaios de pirata que ficam aparecendo no canto das externas de TV, ou dando pulinhos atrás do personagem principal cada vez que a câmera é ligada” (2008, p. 349). A presença do repórter, com o uso da primeira pessoa, pode ser igualmente esdrúxula se não for uma exigência da própria história que esteja ligada à narrativa de uma experiência individual.

Ao escolher a primeira pessoa para narrar a história, confrontei-me com um desafio novo: era necessário ter a coragem de me expor também naquilo que era desabonador para mim, naquilo que eu teria preferido não mostrar. Se eu havia aceitado escrever sobre uma experiência pessoal, então teria de aceitar o ônus de contar também o meu outro lado. E teria de buscar o que havia de universal nesta experiência individual (BRUM, 2008, p. 349).

50 anos de crimes

Nas histórias sobre crimes contadas mundo afora, as fontes da polícia conservam o protagonismo. Nos jornais dos Estados Unidos, a polícia supre os repórteres com um fluxo constante de crimes e essas informações se adaptam às rotinas de trabalho dos repórteres transformando-se em matéria-prima do noticiário policial (SÓRIA, 2005). Simon e Hayes (2004) confirmaram o mesmo: os repórteres que cobrem criminalidade preferem as fontes oficiais. Amzat e outros (2007) constataram, mais recentemente, que as fontes policiais predominam nas histórias sobre crimes contadas pelos jornais da Nigéria.

Na coletânea de reportagens, *50 anos de crimes*, a mundialização da hipótese é comprovada por vários repórteres brasileiros e na crítica sobre as condições de produção das reportagens que ora são escritas pelo próprio repórter, com o distanciamento histórico da publicação na mídia, ora por outros jornalistas ou pelo organizador da coletânea, jornalista Fernando Molica.

No final da década de 60 e nos anos 1970, as reportagens de Percival de Souza sinalizaram na prática da reportagem os efeitos da censura política e do estreitamento das relações com a polícia. Dois efeitos desta proximidade repercutiram nos textos de Percival de Souza: a exclusividade de pautas e de entrevistas e a figura de um repórter onipresente no processo de investigação policial. A descrição das emoções, atitudes, do clima na delegacia era complementada com a palavra do criminoso em entrevistas pingue-pongue. Para correspon-

der à censura política, “[...] o texto teve que ser extremamente cuidadoso, articulado, valorizando entrelinhas, sugerindo, insinuando, porque a espada de Dâmocles da censura brandia permanentemente [...]” (de SOUZA, 2007, p. 216).

Segundo Percival de Souza, a vontade de um delegado de polícia já teve mais peso do que a decisão de um chefe de reportagem, que pretendia romper uma norma não escrita das relações entre jornalistas e policiais: quem cobria o início de um caso seguia nele até o fim. Era, portanto, “o dono do caso”. Depois de ter visto a primeira vítima de Francisco Costa Rocha,⁹ que o jornal *Notícias Populares* apelidou de “Chico Picadinho”, Percival de Souza foi avisado pelo delegado do 3º distrito policial de que o assassino havia sido identificado e que ele poderia entrevistá-lo no dia seguinte. O chefe de reportagem do *Jornal da Tarde*, sabendo disso, escolheu um repórter especial para a entrevista e o delegado se surpreendeu com a mudança e transferiu a entrevista para o dia seguinte, para que fosse feita por Percival de Souza.

Fiz a entrevista exclusiva com Francisco e esnopei na redação. O chefe ficou furioso. Mas ficou quieto: Mino Carta, que me havia levado para lá justamente para criar um novo estilo de reportagem policial, achou que eu tinha razão. (de SOUZA, 2007, p. 153-154).

A intimidade entre jornalistas e policiais não contagiou todas as histórias sobre crimes durante as cinco décadas abrangidas pelo livro. Há modos de operar que se traduziram ora em matérias que revelaram corrupção na polícia, ora em processos de apuração formulados no contrafluxo da escuta às fontes policiais. Um exemplo, neste sentido, foi descrito pelo fotógrafo Amicucci Gallo,

⁹ Em “O esquartejador”, texto introdutório às reportagens publicadas no *Jornal da Tarde*, reproduzidas em 50 anos de crimes, Percival de Souza conta como foi a cobertura do primeiro crime de Chico Picadinho: “Fui ao apartamento da rua Aurora. O delegado do 3º Distrito, Rubens Liberatori, permitiu que eu entrasse. Vi tudo. Aguentei 15 minutos de horror e não suportei mais. Entrevistei peritos e encarregados no saguão do prédio, petrificado pelo que tinha visto” (de SOUZA, 2007, p. 153).

que dividiu a assinatura da reportagem sobre o assassinato de Cláudia Lessin Rodrigues com o repórter Valério Meinel, publicada em *Veja* e Prêmio Esso de Jornalismo de 1977. Segundo Gallo, a dupla não partiu de suposições, nem contou com fontes da polícia; eles seguiram pistas diversas, entre elas a de que Michel Frank, um dos suspeitos, após o crime, teria feito um curativo na mão em uma farmácia de Ipanema.

Nada conseguimos com isso. Mas uma fonte nos passou a informação de que o médico patologista Domingos de Paola seria peça-chave para desvendarmos o caso. Começamos, então, a correr todos os hospitais públicos da cidade. (GALLO, 2007, p. 261).

Considerações finais

Ao final, o que se evidencia com este texto e as pesquisas que vem circulando em livros, artigos e em torno da disciplina de crítica das práticas jornalísticas, ministrada na Unisinos há seis anos, é que a crítica das práticas no campo do jornalismo não é incipiente. Um movimento de pesquisa, a partir do presente, demonstrou a sua extensão histórica e os seus vínculos com a complexidade dos acontecimentos que se materializa na “acontecimentalização” realizada no “livro de repórter”. Com os livros examinados é possível projetar o jornalismo para além da imediatez do presente, tão pouco representativa de uma analítica sobre o presente que nos cerca.

Nem a prática jornalística, nem a profissionalização, enquadradas pela deontologia e os paradigmas que marcam a constituição do saber jornalístico, afetam diretamente a ação deste repórter. Daí a expressão “livro de repórter” enquanto essa designa operações que se distanciam do *ethos* profissional e se desviam para fora do trabalho de reportagem praticado na imprensa hegemô-

nica e dos “livros reportagem”. Em um primeiro movimento de análise foram examinados dois livros individuais e uma coletânea. Com foco nas zonas de incidência de uma crítica das práticas pode-se apontar quatro características fundamentais: (a) os empréstimos da linguagem literária; (b) o exercício da crítica, que requer condições diferenciadas de produção e agentes desvinculados da autoria coletiva constrangida pelos procedimentos de controle discursivo e da racionalidade profissional (c) humanização das fontes (d) disponibilidade nas bibliotecas universitárias pesquisadas e uma quinta (e), extensão do tempo de acontecimentalização, com visibilidade dos efeitos das coberturas, que não é compartilhada por todos os autores. Estes resultados preliminares serão confirmados ou refutados em novas leituras para extensão do observável. A entrevista será utilizada como metodologia para dar voz aos jornalistas e seu fazer nas condições de produção da crítica.

Referências

AMZAT Jimot; JULIUS, Abodunrin; AKANJI, Okunola. The Print Media and Crime: Values and Issues. **International Journal of Criminal Justice Sciences**, v. 1, n. 2. Ahmedabad, Gujarat, India: Raksha Shakti University 2007.

BALZAC, Honoré de. **Ilusiones perdidas**. Madrid: Ediciones B., 2001.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrívão Isaias Caminha**. São Paulo: Ática, 1995.

BARTHES, Roland. Qué es la crítica. In: BARTHES, Roland. **Ensayos críticos** Madrid: Seix Barral, 2002.

BERTRAND, Jean-Claude. **O arsenal da democracia**, sistemas de responsabilização da mídia. Bauru: EDUSC, 2002.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p377>

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

BRUM, Eliane. Eu sou uma escutadeira. Entrevistada por: Ângela Zamin, Beatriz Marocco e Júlia Capovilla. In: MAROCCO, Beatriz. **O jornalista de a prática**. Entrevistas. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.

BRUM, Eliane. **Meus desacontencimentos**. São Paulo: Leya, 2014, e-book.

BURELLO, Marcelo Gabriel. Estudio preliminar. In: KRAUS, K. **En esta gran época**: de como la prensa liberal engendra una guerra mundial. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2008.

DENT, Chris. Journalists are the confessors of the public. **Journalism**, v.9, issue 2. California: Stanford University/Sage, 2008.

FOUCAULT, Michel. O que é a crítica. [Crítica e Aufklärung], 1990. Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/critica.pdf>>. Acesso em: 08 mar.2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

HARDT, Hanno. Introdução. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. **A era glacial do jornalismo**. v. 1. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

HARDT, Hanno. **The social theories of the press**, early German and American perspectives. Beverly Hills, London: Sage, 2001.

HIAASEN, Carl. **Caso Perdido**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KRAUS, Karl. **En esta gran época**: de como la prensa liberal engendra una guerra mundial. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista**. A língua como barbárie e a notícia como mercadoria. São Paulo: Paulus. 2009.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p377>

MAROCCO, Beatriz. Os "livros de repórteres", o "comentário" e as práticas jornalísticas. **Contracampo**, v.22. Rio de Janeiro: UFF, 2011. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/86>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

MAROCCO, Beatriz. A contribuição dos repórteres para uma compreensão dos discursos jornalísticos sobre marginalidade. **Comunicação e Sociedade**, v.34, n.1. São Paulo: Metodista, 2012. Disponível em: <www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3169>. Acesso em: 10 maio 2016.

MAROCCO, Beatriz. Os procedimentos de controle e a resistência na prática jornalística. **Galáxia**, v. 30. São Paulo: PUCSP, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/n30/1982-2553-gal-30-0073.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática**. Entrevistas. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

MAROCCO, Beatriz. **Entrevista** na prática jornalística e na pesquisa. Porto Alegre: Libretos, 2012a.

MAROCCO, Beatriz, ZAMIN, Angela, BOFF, Felipe. Os "grandes acontecimentos" e o reconhecimento do presente. **Verso e Reverso**, n. 62. São Leopoldo, Unisinos. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2012.26.62.04>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

NEVEU, Eric. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Editora Unicamp, 1995.

ROSS, Edward. A supressão das notícias importantes. In: BERGER, Christa., MAROCCO, Beatriz (orgs.). **A era glacial do jornalismo**. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SIMMON, James.; HAYES, Sean. Juvenile Crime stories use police blotter without comment from suspects. **Newspaper Research Journal**, v. 25, n. 4. Michigan: Michigan State University/Sage, 2004.

SÓRIA, P. M. O caso "Títica": falhas da cobertura policial do Jornal Agora. **Revista PJ:Br.** v. 5, São Paulo: ECA/USP, 1º sem. 2005.

SOUZA, Percival de. O esquartejador. In: MOLICA, Fernando. (Org.). **50 anos de crimes.** Rio de Janeiro: Record, 2007.